

## A RELAÇÃO ENTRE O MITO DA CAVERNA DE PLATÃO E O PAPEL DO DOCENTE EM FILOSOFIA.

Francisco Brandão Aguiar.  
Graduando em Filosofia  
Universidade Estadual vale do Acaraú.

Francisca Márcia Soares Pereira  
Graduanda em filosofia  
Universidade Estadual vale do Acaraú.

Camila Sampaio Moreira  
Graduanda em filosofia  
Universidade Estadual vale do Acaraú.

### **Introdução.**

No início do livro VII da *República*, Platão nos apresenta o mito da caverna. Nossa abordagem se delimitará em explicitar a relação entre a alegoria e o papel do professor de filosofia. Desta forma temos como problema principal mostrar de que maneira se dá esta relação entre:

- Docente, alegoria, papel do filósofo.
- Docente, alegoria, papel do aluno.

Com este intuito temos como principal objetivo saber qual a contribuição do mito da caverna de Platão para os futuros educadores; almejamos também entender melhor o papel do professor enquanto filósofo, visto que a filosofia é um ramo que se diferencia das demais ciências. Em síntese, os objetivos são explicitar a relação entre a alegoria da caverna e o papel do professor buscando saber a relevância disto para nosso futuro enquanto professores de filosofia. O método do qual faremos uso é a análise bibliográfica do texto platônico e compararemos com papel do professor, propondo algumas intervenções baseadas nas observações de aulas que tivemos. Portanto trata-se de uma análise de caráter qualitativo.

### **Discussão dos resultados.**

A alegoria da caverna é um dos textos mais comentados na filosofia, mas para que possamos fazer a comparação entre o texto e a prática docente, primeiramente teremos que entender o mito da caverna de Platão, especialmente o diálogo entre Glauco e Sócrates. Sócrates convida Glauco à reflexão, pede que o mesmo imagine uma caverna

onde existem homens acorrentados com a cabeça voltada para o interior da mesma. Os homens que vivem na caverna têm a visão de sombras projetadas pelas pessoas, animais e coisas que passam por fora da dela, onde também há um muro. Os prisioneiros estão acostumados a permanecerem naquela situação e adotam as sombras como sendo a sua realidade, pois estiveram lá desde a infância. Os prisioneiros não podem voltar o rosto para o lado contrário, pois as correntes os impedem, e nem chegam a tentar, visto que as sombras passaram a ser a sua realidade concreta.

Fora da Caverna existe a realidade propriamente dita, e pessoas passam o tempo todo (comerciantes, artesãos, viajantes...) levando os mais diferentes tipos de objetos, uns falam e outros passam silenciosos de modo que as sombras projetadas no interior da caverna dão cada vez mais a sensação de ser a realidade propriamente dita. Imaginemos então se em um breve intervalo de tempo soltássemos estes homens das correntes e os levássemos a luz do dia, isso não os causaria um choque tremendo? Certamente a luz os cegaria e sentiriam a necessidade de voltar para a caverna, e ainda que pudessem enxergar rapidamente não conheceriam as coisas que estariam diante dos seus olhos, e julgariam aquilo como falso, concluiriam cada vez mais que as sombras fossem a realidade.

Sócrates mostra que um destes prisioneiros conseguiu livrar-se das correntes por esforço próprio e decidiu sair da caverna, livrar-se da ignorância. Ao olhar a luz imediatamente não suportará a mesma, sofrendo com a claridade do sol, que momentaneamente cegará seus olhos; seus braços e juntas terão dor, por este fazer movimentos a qual não está acostumado; as coisas do real não lhe parecerão coerentes, pois destas ele não detém conhecimento, então começará a se perguntar sobre o que vê. Por certo, as sombras às quais estava acostumado a conviver lhes parecerão mais reais do que este “mundo novo”. Terá então necessidade de habituar-se para poder enxergar. Porém, com o passar do tempo se habituará a ver a luz do sol.

Após todo esse trajeto de libertação e ambientação o prisioneiro liberto estará apto a contemplar a beleza do mundo real e passará conhecer as coisas como de fato são. Contudo, ele sentirá a necessidade de compartilhar as maravilhas do mundo novo com os outros prisioneiros. Mas ele parecerá estranho em meio aos outros e será morto pelos demais ao tentar mostrar-lhes que vivem num mundo de sombras, pois não querem sofrer, estão acostumados às sombras, que são a sua realidade.

O Livro VII é de uma genialidade indiscutível. Platão enxerga dois mundos, o aparente, guiado pelo senso comum pautado na ilusão, e o mais coerente que é obtido através de um processo árduo para se chegar ao conhecimento fundamentado, das

coisas. É na relação entre estes dois mundos que deve ser encontrado a utilidade da filosofia. A caverna é a vida de aparências, na qual muitas pessoas vivem, a filosofia é o instrumento que possibilitará o verdadeiro conhecimento.

No que se refere à questão do professor, os alunos muitas vezes vivem de influências do senso comum, estão cada um dentro de sua própria caverna, tendo uma compreensão comum da realidade, baseada em preconceitos, ou seja, conceitos estabelecidos sem o devido conhecimento ou a devida fundamentação, ignorando a verdade tal como ela é. Nesse sentido, os alunos podem ser comparados aos homens que permanecem acorrentados, talvez não por preferirem a ignorância, mas por não terem despertado a compreensão mais investigativa e coerente da realidade.

Aquele que busca livrar-se das correntes é o filósofo, que deve começar a ver o mundo de forma crítica. Por que as coisas são assim e não de outra forma? O filósofo deve romper a barreira da ignorância e começar a enxergar além dos preconceitos, assim poderão enxergar a verdadeira realidade, iluminados pelo sol, a luz da verdade, não mais enganados pela mera ilusão das sombras. Passarão pelo processo doloroso de acostumar-se a conhecer, mas agora conhecer tornou-se fascinante e não mais algo que causa dor.

No que tange à questão da educação, é preciso que os estudantes tirem de si a ilusão das sombras, livrem-se dos preconceitos, comecem a desenvolver o pensamento crítico construtivo, a fim de produzir novos conhecimentos. Aqui entra o importante papel do professor como filósofo, mostrar aos que permanecem na caverna que existe um mundo para além daquele ao qual eles estão acostumados, muito embora isso inicialmente lhes pareça algo doloroso e confuso, pois não estão acostumados com a luz da verdade, a luz do conhecimento. Todos temos que sair da caverna, buscar conhecer incansavelmente e nunca achar que já conhecemos o bastante, pois corremos o risco de voltar à caverna e nos acostumarmos novamente com a escuridão, ou seja, com a ignorância. Certamente que, enquanto professores, encontraremos como aquele que volta à caverna instruir os demais prisioneiros, muitas dificuldades de transmitir o conhecimento de uma realidade a qual os outros não estão acostumados. Esta é a dificuldade que o professor de filosofia irá encontrar na sala de aula, mas seu papel enquanto professor, enquanto filósofo, é fazer com que aqueles que permanecem acorrentados tirem de si estas correntes, é fazer com que os alunos comecem a ver além dos preconceitos. Esta não será uma tarefa fácil, pois assim como os que permanecem na caverna fazem das sombras a sua realidade, muitos alunos fazem do senso comum seu conhecimento seguro.

## **Conclusão**

Percebemos, portanto, a importância do papel do professor de filosofia: dar as bases da criticidade a muitos que já estão acostumados com as sombras do senso comum. O professor, enquanto educador carrega sobre seus ombros a missão de mostrar de que maneira aqueles que estão na caverna podem libertar-se das correntes, claro que não será um processo fácil, pois a filosofia não é uma disciplina fácil de ser ensinada. Mas é preciso ir sempre além de seus limites, desempenhando sempre o melhor de seu papel como educador. O filósofo sentiu dor com a luz do conhecimento e com incompreensão dos outros; com a missão de docente também haverá estas dificuldades.

## **Referencias**

PLATÃO. *A república*. Tradução de Carlos Alberto Nunes. 3 ed. Belém: UFPA, 2000.